

Extrativistas da RESEX rio Cajari em ação

Amapá

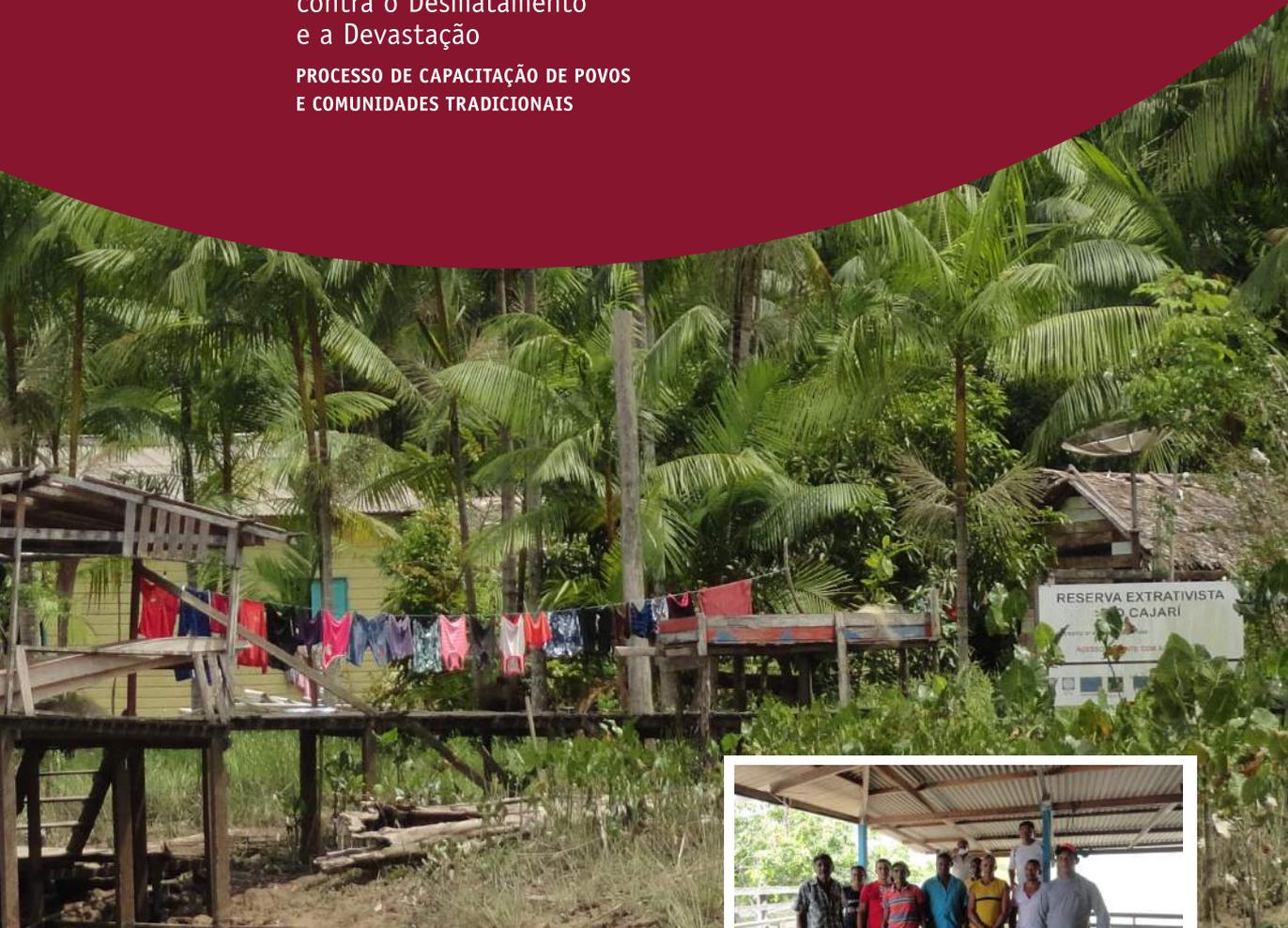
24

PROJETO

Mapeamento Social

como Instrumento
de Gestão Territorial
contra o Desmatamento
e a Devastação

PROCESSO DE CAPACITAÇÃO DE POVOS
E COMUNIDADES TRADICIONAIS



**NOVA CARTOGRAFIA
SOCIAL DA AMAZÔNIA**

© UEA Edições – Manaus 2014

COORDENADOR GERAL

Alfredo Wagner Berno de Almeida

EDIÇÃO

Rosa E. Acevedo Marin

Thiago Alan Guedes Sabino

TRABALHO DE CAMPO

Rosa E. Acevedo Marin

PPGA/NAEA-UFPA, PNCSA

Thiago Alan Guedes Sabino

PDTU/NAEA/UFPA- PNCSA

FOTOGRAFIA

Rosa E. Acevedo Marin

Thiago Alan Guedes Sabino

GEORREFERENCIAMENTO

Thiago Alan Guedes Sabino

PDTU/NAEA/UFPA

TRANSCRIÇÃO

Maria do Socorro Conceição Cardoso

ICS-PNCSA

COLABORAÇÃO NO TRABALHO DE CAMPO

Pedro Ramos de Sousa

CNS

Francisco Edemburgo Ribeiro de Almeida

ICMBio

DESIGN E PROJETO GRÁFICO:

Casa 8 Projetos e Edições

**ASSOCIAÇÃO DE TRABALHADORES EM
PRODUTOS DA CADEIA PRODUTIVA
DOS MEDIOS E BAIXOS RIOS CAJARI
E MURIACA - ACIOBIO**

PRESIDENTE

Francisco Assis dos Santos Penha

VICE-PRESIDENTE

José Cardoso da Silva

SECRETARIO

Edson Gomes de Oliveira

TESOUREIRO

Almir Flexa de Freitas

PARTICIPANTES NA OFICINA

Pedro Farias de Araújo, Odair José de Almeida Moraes, Manoel Domingos Lopes, Maria Teresinha C. Fleixa, Lucivaldo da Conceição, Flávio da Silva Ferreira, Benedito Cordeiro de Souza, José Olímpio, José Laercio Tavares dos Santos, Celio Faria de Araujo, Benedito da Conceição, Luis Marcos Rosa, Elizete de Freitas Flexa, Ana Paula de Freitas Flexa, Sandro dos Santos Flexa, Valdely da Conceição Lopes, Gilmar dos Santos Flexa, Pedro Ramos de Sousa, João Max Conceição

CRIANÇAS QUE COLABORARAM NA OFICINA

Izabele Vitoria Flexa dos Santos, Tatiane dos Santos Pinto, Jamile Lopes Moraes, Ana Clara dos Santos Araújo, Lilo Carvalho Pereira, Vera Lúcia Lopes dos Santos, Luis Fernando de Freitas Rego, Amanda Carvalho Pereira, Alcilenny Flexa Moraes, Ivan Rafael Pereira, Emanuelí P. Flexa Sousa

M297 Mapeamento social como instrumento de gestão territorial contra o desmatamento e a devastação : processo de capacitação de povos e comunidades tradicionais: Extrativistas da RESEX Rio Cajari em ação, Amapá, 24 / Coordenação geral do projeto, Alfredo Wagner Berno de Almeida; equipe de pesquisa, Rosa Elizabeth Acevedo Marin, Thiago Alan Guedes Sabino. – Manaus: UEA Edições, 2014.

20 p.: il. color. ; 27 cm.

ISBN 978-85-7883-310-7

1. Conflitos sociais. 2. Extrativistas – Amapá. 3. Comunidades tradicionais. 5. Desmatamento. 6. Territorialidade. 7. Cartografia. I. Almeida, Alfredo Wagner Berno de. II. Marin, Rosa Elizabeth Acevedo Marin. III. Sabino, Thiago Alan Guedes.

CDU 528.9:316.48(811.6)



Pedro Ramos de Sousa e Manoel Domingos Lopes debatem o significado político da RESEX rio Cajari

Aqui nós não vamos resolver problemas, mas construir instrumentos

“Aqui nós não vamos resolver problemas, mas construir instrumentos para nos ajudar a resolver problemas. Problemas que a gente tem, a gente não vai resolver. Vai criar instrumentos que vai nos ajudar lá pra frente ou talvez até amanhã esteja ajudando ou depois de amanhã e isso no meu entendimento é bom pra todos nós, porque muitas das vezes a gente se pega nos nossos limites de conhecimento, a gente quer fazer as coisas, mas não sabe como fazer. Então, são os limites que a gente tem, que o conhecimento pode nos permitir a fazer essas ações, a resolver melhor os nossos problemas”. PEDRO RAMOS DE SOUSA

Os extrativistas somos agricultores diferenciados

“Quando pegaram o nome pequeno agricultor nos esconderam por muitos anos por sermos agricultor e nós não somos agricultor do jeito que o conceito de agricultor é usado pelo Ministério da Agricultura, pelo Ministério de Desenvolvimento Agrário usam. Nós somos agricultores diferenciados. Em cima disso, eu tenho medo da generalização de determinados nomes, principalmente peconheiro, eu tenho medo. Eu tenho medo, porque eu conheço peconheiros da Ilha das Onças e, são pessoas que moram na cidade e vão apanhar açaí dentro da coisa, são diferenciados. É diferenciado do peconheiro que mora nas ilhas, porque quando o nome se torna genérico que não faz essa diferenciação aí nós corremos perigo. A gente viu aqui palmiteiros, vieram aqui do estado do Pará e fizeram devastação. Muitos de vocês viram a devastação que foi feita aqui por palmiteiro que vieram de fora. De Boa Vista, Breves. Então, esses nomes genéricos eu acho que a gente precisa ter um pouco de cuidado. Por que surgiu uma das organizações nossas, Conselho Nacional dos Seringueiros? Porque o Chico era sindicalista, eu era sindicalista na época e sabíamos que Sindicato de Trabalhadores Rurais se ocupavam das políticas muito mais agrícolas e não das florestais. Por isso que a gente foi separando as coisas. Aí eu tenho medo desse nome genérico, eu faço questão de deixar bem claro que a gente pode até ser chamado de peconheiro, mas peconheiros residente da Reserva pra fazer essa distinção”. PEDRO RAMOS DE SOUSA

“Naquela época pra hoje tem uma diferença muito grande. Veja bem: no Cajari, por exemplo, foi um dos que mais deu palmiteiros do estado do Pará, aqui pra nós nessa região. Todas essas comunidades aqui tinha 50, 60 palmiteiros e hoje não tem, o pessoal não consente, porque a coisa mudou. O pessoal já pensa em manejo, já trabalham tudo no manejo, já sabem como manejar. Na nossa região aqui é açazeiro que a gente conhece. Não é verdade pessoal? Os peconheiros são conhecidos como açazeiros”. MANOEL DOMINGOS LOPES

“O açazeiro que é conhecido aqui é aquele que vem comprar o açai do dono do terreno”. JOSÉ OLÍMPIO

“Em Porto Grande a gente chama de açazeiro também. Lá a maioria, cada um sai com o seu barquinho pra apanhar o açai. Lá a gente sobrevive em Porto Grande do Eduardo, portograndense, a gente sobrevive mais disso aí. As vezes filhos, criança. Eles pagam as crianças para subir no açazeiro. Então, é isso que a gente tem que ter. Hoje em dia se não for o filho ajudar o pai apanhar o açai pra sobreviver. Agora tem muita gente que pega e corta os pés de açai é por causa disso, que mata os pés de açai. Então, o meu tio, ele é um grande açazeiro de portograndense, ele planta açai. Ele sobrevive de quê? É de açai, porque se a gente não planta e não colher, mais tarde da onde a gente vai tirar, o que a gente planta a gente colhe...Quem planta colhe e quem planta bebe. Então a gente sobrevive daquilo, do açai e da farinha. Então, a gente sobrevive de lá”. ODAIR JOSÉ DE ALMEIDA MORAES

A RESEX Rio Cajari nos mapas e a questão dos limites e da demarcação



“Eu estou vendo pela primeira vez esse mapa, lá estava denominado São Luis, mas parece que nem era o nome do rio São Luis, o braço do Cajari... Mas, São Luis não é um rio é uma localidade. É o São Luis acima da Água Branca perto da Cachoeira dos Banco aonde o meu antigo avô tirava castanha”. JOSÉ OLÍMPIO



Apresentação da primeira versão do croqui por Benedito Souza, José Olimpio e Manoel Domingos Lopes e Flávio da Silva Ferreira e Benedito Cordeiro de Souza rodeados de adultos e crianças realizam os traçados do croqui

“Na verdade o Cajari todos nós sabemos, que o Cajari desemboca lá no rio Amazonas, aí você vem subindo, quando chega, na verdade faz um limite, mas ali é Laranjal {Vitória do Jari}. Então quando entra no braço esquerdo, aquilo ali é um afluente do Cajari, rio Muriacá, que aparece como rio São Luis. Nada de rio São Luis, essa é uma localidade que logo quando você entra lá no rio você vai encontrar onde é que ele mora uma localidade Muriacá, mas passando uns trezentos metros mais ou menos tem um igarapé, que é o igarapé Carará. Então, são os igarapés com muita extensão assim, sei lá eu pelo menos nunca fui lá no final. Então,



Limites da RESEX rio Cajari com a indicação em placa localizada no igarapé Ariramba

esse Cajari, esse Muriacá quando você vai, não sei se você já viajou lá na Cajari na BR, você vai passar por cima do Km Santa Rosa. Aí esse que segue pra cá, direto esse é o Cajari vai passar de novo lá no São Pedro, que é uma outra ponte que atravessa o rio na BR Macapá-Jari. Enfim, e tem um braço do Cajari que é um outro afluente que vai passar lá no Água Branca do Cajari, aonde que tem esse rio São Luís”. BENEDITO CORDEIRO DE SOUZA

“Isso aqui é o São Luis, passando o Água Branca onde era uma comunidade em 1979, por aí onde se localizavam os castanheiros que iam daqui do baixo pra tirar castanha lá nessa localidade, que a terra na época eram ‘pros’ que mandavam, que tomaram conta que era meu avô e esse povo que conhece, que nem o Bena, o velho Caxias”. JOSÉ OLÍMPIO

“Porque esses mapas antigos que vocês falam, só um exemplo, antigamente quando era a antiga SUCAM, eles tinham uns mapas que eles faziam naqueles papéis manteiga. Então, no aterro do Muriacá, lá o nome é Arumanzal, ele só tem esse nome Aterro pelo fato que aterraram para fazer a Vila e, até hoje se você for procurar na FUNASA você vai encontrar Arumanzal, lá ele não é reconhecido como aterro. Então, lá é Arumanzal, entendeu? Como esses mapas são muito antigos e nunca foram atualizados, é por isso que tu vai encontrar esses nomes diferentes”. BENEDITO CORDEIRO DE SOUZA

“Deixa eu falar uma coisa pra vocês que eu foi uma das pessoas que ajudou, a gente se debruçou em cima dos mapas do RADAM, o que tinha de mais avançado naquela época pra definir os limites da Reserva, porque sem os limites ela não tinha sido criada, porque o Decreto só cria com os limites. O nosso problema era pelo rio Matauaú que é onde começa a Reserva. Aqui é esse rio Matauaú, então ele serviu de norte pra gente. A gente vinha e encontrou o nome São Luis que a gente supunha que fosse do rio que vinha pra cá até pegar a margem esquerda do igarapé Comércio, aí ele beirava até a margem esquerda do igarapé Comércio, que não aparece aqui. Ele ia até esse São Luis que tá pra cá. Só que o São Luis, ele tá por aqui assim e quando a gente viu isso, ia ficar muitos castanhais de fora aí foi que a gente achou o igarapé do Meio lá onde ficou a placa. Era pra ser o limite, mas houve um negócio bem aqui que agora quando tá demarcando veio



A empresa Jari produziu um grande desmatamento na margem esquerda do rio Cajari. Nessa área formam-se os campos usados pelos criadores de búfalo

pra cá... a margem esquerda do igarapé Comércio, não é? A margem direita do Comércio, aí esse negócio vem pra cá. Isso foi o Calixto que fez, veio pra cá e quando desagua no Muriacá, toda a margem esquerda do Muriacá tá fora da Reserva. Isso foi o Calixto que fez!”. PEDRO RAMOS DE SOUSA

“Se você só pensar onde tá o Mataiaú não tinha acontecido isso. Se ela fosse linha reta, porque o Mataiaú tá pra cá a cabeceira dele, se ele fosse linha reta o Aterro não saía de dentro da Reserva, ia dá exatamente onde estava o limite, mas eles tiraram aí saiu o Aterro”. MANOEL DOMINGOS LOPES

“Porque quando nós conversamos que era pra sair o limite, que a empresa, a gente só ia até o plantio que ela já tinha. Era só quem ia ficar dentro pra empresa Jari. Todo o Aterro, toda a margem direita do Muriacá era parte da Reserva. De lá em linha (seca) ia pegar lá o igarapé do Meio. Aí tu vê que o negócio tá todo...Agora por que isso? Porque o Calixto conhecia a área e queria ficar com a parte do Comércio ali pra trás, pros fundos, da cabeceira do Carará pra tirar madeira. Por isso que ficou fora”. PEDRO RAMOS DE SOUSA

“Eu acho que talvez aqui pra responder sobre demarcação e limite da Reserva é o Pedro ou o Edemburgo, que liderança aqui não sabe disso, porque nunca aconteceu de pessoas que trabalharam na época, que fizeram esse trabalho aí. Parece que o Calixto, alguma liderança participaram disso aí. Nunca repassaram pra ninguém, comunidade nenhuma nunca escutou isso da boca de ninguém, onde tá o limite de fulano de tal, entorno de 10Km nunca mais foi explicado, só foi explicado na época do começo. Eu acho que o Edemburgo sabe responder. Isso era pra ser que nem número de telefone, qualquer extrativista de dentro da Reserva era pra ter isso dentro da língua porque o cara convive dentro da área. Onde está o limite dentro da Reserva, quem responde dentro da Reserva?”

“Mesmo essa Reserva, ela foi criada pra pessoas de dentro do Cajari. Então, por isso mesmo que ela tem o limite dela, mostrando pra alguém que ela foi criada com este limite pro cara não ultrapassar o limite pra cá pra dentro. No momento que as pessoas começam ultrapassar é claro que eles começam se queixar. Uma outra coisa importante que tem aqui, é que o rio Cajari ele limita a Reserva Extrativista e ele mostra uma coisa bem bonita bem aqui. Aqui quem quer ver os três municípios que limita a Reserva Cajari estão bem aqui, onde aqui aparece o Laranjal do Jari, aqui é Mazagão e Vitória. Os três municípios estão dentro do rio Cajari”. MANOEL DOMINGOS LOPES

“E Domingos, olha a preocupação que nós temos aqui agora nessa estrada de Jarilândia a Vitória do Jari...Por ali tu sabe que ela tá batendo com fundo entre Carará e o Jari. Ali o Marajó, aqueles invasores de lá que não moram dentro da Reserva, eles podem por segundo, horas, eles já invadiram como todo mundo sabe: Domingo, o Carajá, o Bena também que é um filho nascido e criado, ele tá por dentro de tudo. O meu sogro Juraci já cortou até casco deles do pessoal do



Casa e 'rabetinhas' em Tapereira

motivo de caçada, dessas coisas a gente é inseguro aqui, porque pelo Jari aí, tudo é furado que nem esse aqui sabe, o Domingos sabe. Nós não tem a mínima segurança de nada. Numa estrada dessa aí, quando a gente pensava que a gente estava trabalhando sozinho os madeireiros lá já tinham tirado tudo: área de acapuzal, de itaubal. Então, nós precisa de uma coisa pra tá do nosso lado". JOSÉ OLÍMPIO

"Uma outra coisa que aconteceu com isso foi o afastamento do Aterro do Muriacá, porque a gente reconhece que as pessoas do Aterro do Muriacá são pessoas carentes que nem essa nossa e outras e outras. São pessoas que necessitam sobreviver e ela ficou fora. No caso, por exemplo, o ICMBio por exemplo, ele só vai no Aterro olhar, porque quer mesmo, pelo direito não, porque tá fora da Reserva. No começo ela tava dentro da Reserva, tinha mais o entorno de 10Km, que entro da Reserva e aí como é que pode os projetos e convênios da Reserva dentro desse caso?". MANOEL DOMINGOS LOPES

"Agora tem mais um problema que vocês vão enfrentar muito sério. Agora tive em Vitória do Jari, soube que não sei o que ele é da Prefeitura, o seu Magno, tirou todas as áreas de Castanhais, de madeireira. Tudo pra ele, tá tudo marcado já. Então é um problema sério, as pontas de açazal tudo já tá marcado. O maior problema é que se não tiver uma parceria do ICMBio pra ajudar nesse sentido na fiscalização. O Magno já demarcou tudinho, irmão do Vice-Prefeito. Então, nós vamos

Jari invadindo pra cortar o palmito dentro da Reserva. Se dava 1h e meia o irmão também era sabedor disso, porque o cara andou por dentro dessas matas também e foi encontrada essa canoa lá..., aí o meu sogro foi e cortou casco todinho, se arriscando e até hoje o casco tá por prova, uma batuta grandona, tá lá embaixo de uma caída, até já caiu um lote de pau dentro a água tombou, tá tudo tapado. Mas desse tempo também foi, mas do

enfrentar, porque ainda tenho aí alguma coisa. Porque eles vão meter negócio pra tirar madeira, fazer o que for aí dentro. Vai ficar que nem o igarapé do Meio. Então, se não tomar uma providência agora no início enquanto tá no começo vai virar um problema muito sério”. LUIS MARCOS ROSA

Avanço da ‘frente agrícola’ e risco de perder território

“A Resex participou do Projeto Resex do PPG7. Então, com o recurso do Resex foi feita toda a demarcação da Reserva. Agora nós temos os seguintes problemas: essas pessoas que são daqui da Reserva, que conhecem onde estão os marcos com limites. Cadê essas pessoas? Teve gente aqui da Reserva que participou. Então, todos esses limites estão postos aí no território. Nós temos problemas das pessoas, problema institucional nosso, que a gente tem que rever esses limites, que até nós do ICMBio não sabemos, nunca mais avivamos esses limites, chegar lá limpar, constatar que ele tá lá e limpar pra ver se está o limite. E têm ‘terceiros’; foram abertos processos indenizatórios. Esses processos até hoje estão rolando na justiça e alguns deles já iam ser pagos, mas a AGU que é a Advocacia da União entrou com uma ação pro Governo Federal não pagar; havia denúncias. Há certos processos que estão em suspenso. Então, a União não deveria pagar, porque elas estaria alocando recurso público, pagando um valor maior do que deveria pagar. Então, o volume desses processos indenizatórios é muito desses processos e um outro problema é que enquanto isso a gente tá aqui no meio, tá um pouco distante do limite do lado oeste que é da Jari, tem uma frente agrícola andando, desmatando e devastando. Pelo lado leste do assentamento agroextrativista é menos problema, porque a moçada lá tem uma semelhança muito grande com comunidades aqui da Reserva, mas esse lado aqui, ele é realmente um lado muito problemático e tanto o ICMBio quanto as populações tem que tomar muito cuidado, senão corre o risco de perder território mesmo”. FRANCISCO EDEMBURGO RIBEIRO DE ALMEIDA – ICMBio

“É justamente esse motivo ao se aproximar da Reserva pra tentar passar pro lado de dentro que é pra conseguir atrair recurso. Vamos supor: os primeiros projetos que chegam aqui chega lá. Naquele recadastramento veio um pessoal lá do Jari que queria fosse lá pra fazer o levantamento deles tudinho. E segundo que eu soube, só trabalham, só tem uma área dentro da Reserva, não é



Pedro Ramos de Sousa aponta elementos novos no croqui

nem dentro é entorno, que mora em Jaderlândia, mora em Vitória por aí assim. Então essas pessoas tentam se aproximar pra tirar proveito”. JOSÉ LAERCIO TAVARES DOS SANTOS

“O problema é que eles podem mexer nos marcos. Pois é, justamente. No castanhal do Motum tá com mais de 6 anos ou 12 anos, porque ninguém tem contrato de trabalho dentro dele, do Carará. Mas se for o caso que tem certeza que essa invasão já começou e sempre há no Motum. Babau!” JOSÉ OLIMPIO

“Sempre vejo sabe o que: em Vitória do Jari, a gente sabe que é tipo um leque Vitória do Jari, ali é um leque aqui. Aí eu vejo assim quando eu soube antes de ontem lá em Vitoria do Jari, eu vejo o ramal desceu lá e cada qual já tirou o seu terreno lá, escolheu só os castanhaís, mas vivos. O seu Felipe Rosa vem por ali por dentro fazendo canal ou metendo gato e fazendo casa. Eu vejo assim. Vai ter uma outra divisa e nós vamos ficar pra cá... já foi cortado no meio”. LUIS MARCOS ROSA

“Olha quando se falava em demarcação de Reserva, eu sempre falei nas grandes reuniões. Olha tem que ter pessoas de cada comunidade de dentro da Reserva, era mesmo por isso, porque se por exemplo nós temos o nosso igarapé aí, que tora essa terra toda aí. O nosso igarapé não se ver o (...)da demarcação e se qualquer uma outra liderança pelos menos esses aí sabiam por onde passou o limite. Dizem que foi feito tal, mas não se sabe”. MANOEL DOMINGOS LOPES

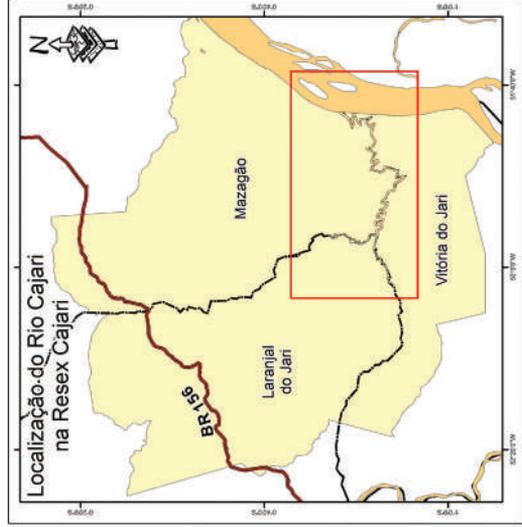
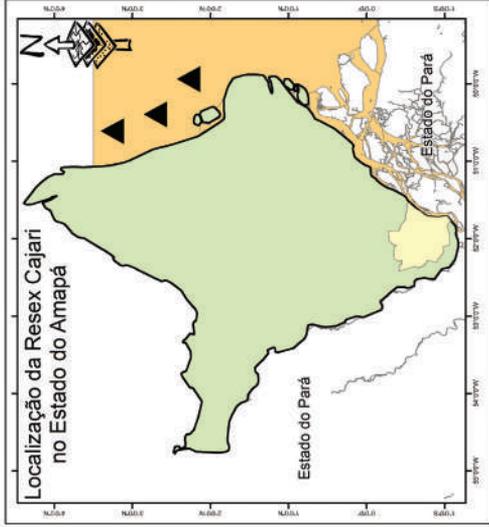
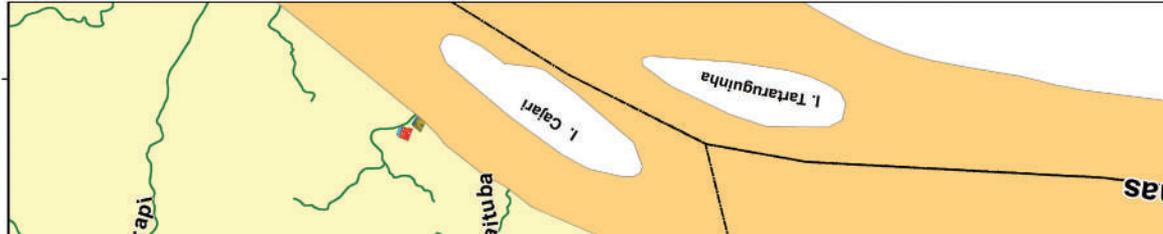
Os problemas na demarcação da Reserva

“Eu acho que a gente tem que enriquecer mais esses conflitos. Primeiro, a Reserva tem a sua demarcação concluída, mas ela foi muito viciada. O traçado original foi mudado no percurso da demarcação e isso trouxe consequências grave para a própria Reserva e pros moradores. Por que isso trouxe consequências grave? As pessoas do alto foram tiradas, saíram de dentro da Reserva pra ficar de fora e áreas que estavam fora da Reserva foram incluídas dentro da Reserva como Bacia Branca e vieram pra dentro da Reserva e trouxe um outro problema que o pessoal aqui de cima da Reserva Cajari ficou de fora também. Então, houve um problema de vício aí, estranho dentro da Reserva. Ainda, o CNS (Conselho Nacional dos Seringueiros) com algumas lideranças tentou ensaiar uma denúncia pra pedir que fosse feito uma nova demarcação. Isso morreu na conversa e ninguém foi lá, só se chegou fazer o documento. O outro problema que eu vejo, quando se alterou o limite da Reserva, é apenas para beneficiar interesses e vocês têm um hábito muito ruim, vocês encobrem defeito das lideranças de vocês, porque o maior responsável por isso é o Calixto. Era ele que tava acompanhando, era ele que estava acompanhando pra fazer isso da própria empresa



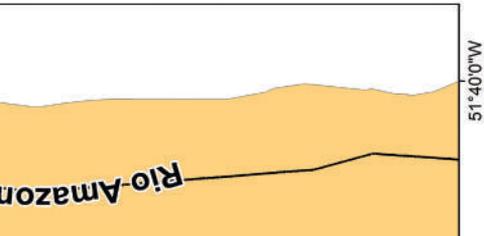
Os grupos dedicam-se ao desenho do croqui

ação



Croqui





do do Amapá

x Cajari

grafia

pés

via Federal - BR156

e Municipal

cos exploratórios
etróleo na foz da
a do rio Amazonas,
"odada"

Fonte:
IBGE, 2007/ IBAMA, 2008/ ANA, 2010/ ICMBIO, 2012
Trabalho de Campo e Oficina de Cartografia Social em 2014 e
Croquis elaborados pelos Extrativistas da Resex do Rio Cajari

Equipe de Pesquisa
Rosa Elizabeth Acevedo Marin (PNCSA/UFFPA) e
Thiago Alan Guedes Sabino (NAEA-UFPA/PNCSSA)

Pontos de GPS:
Rosa Elizabeth Acevedo Marin e
Thiago Alan Guedes Sabino

Cartografia e Edição Gráfica:
Thiago Alan Guedes Sabino (NAEA-UFPA/PNCSSA)

Realização:

ASSOCIAÇÃO DE MORADORES E TRABALHADORES
EM PRODUTOS DA CADEIA DA SOCIOBIODIVERSIDADE DOS
MÉDIO E BAIXO RIOS CAJARI E MURIAÇA - ACIOBIO

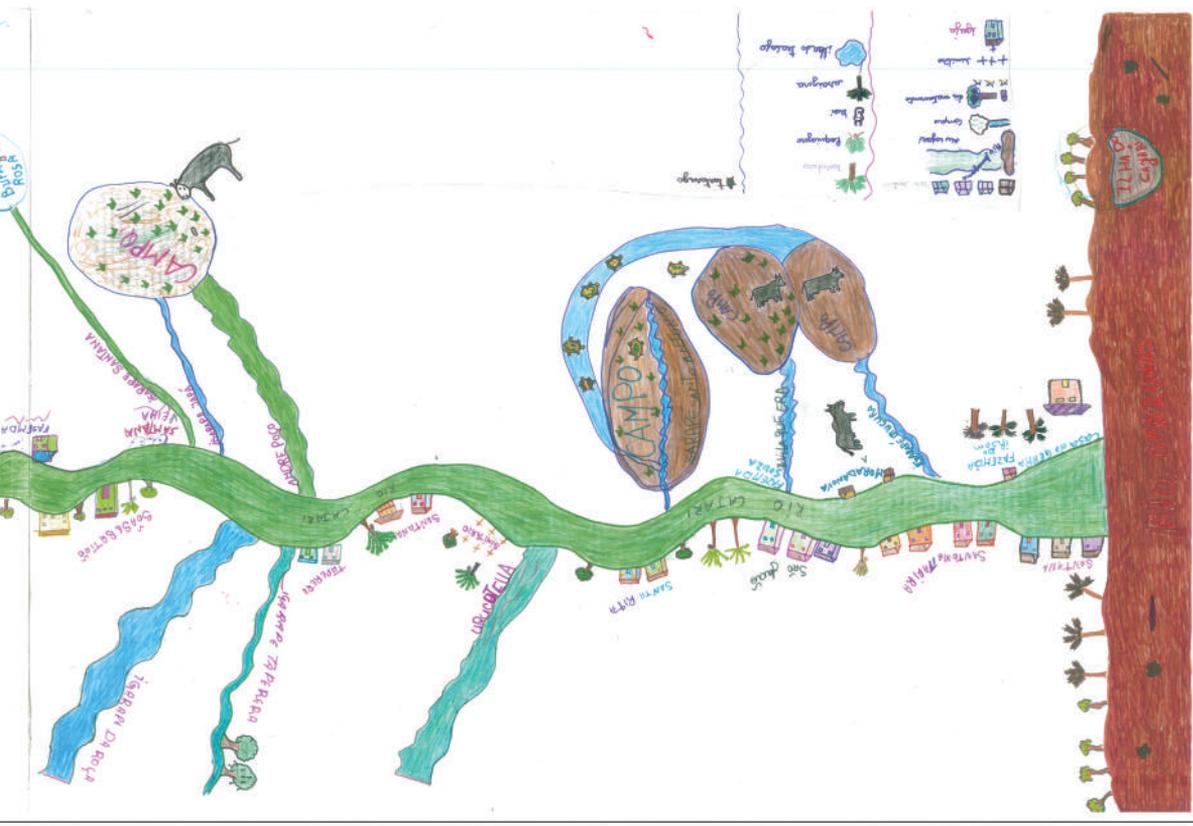
Apoio:



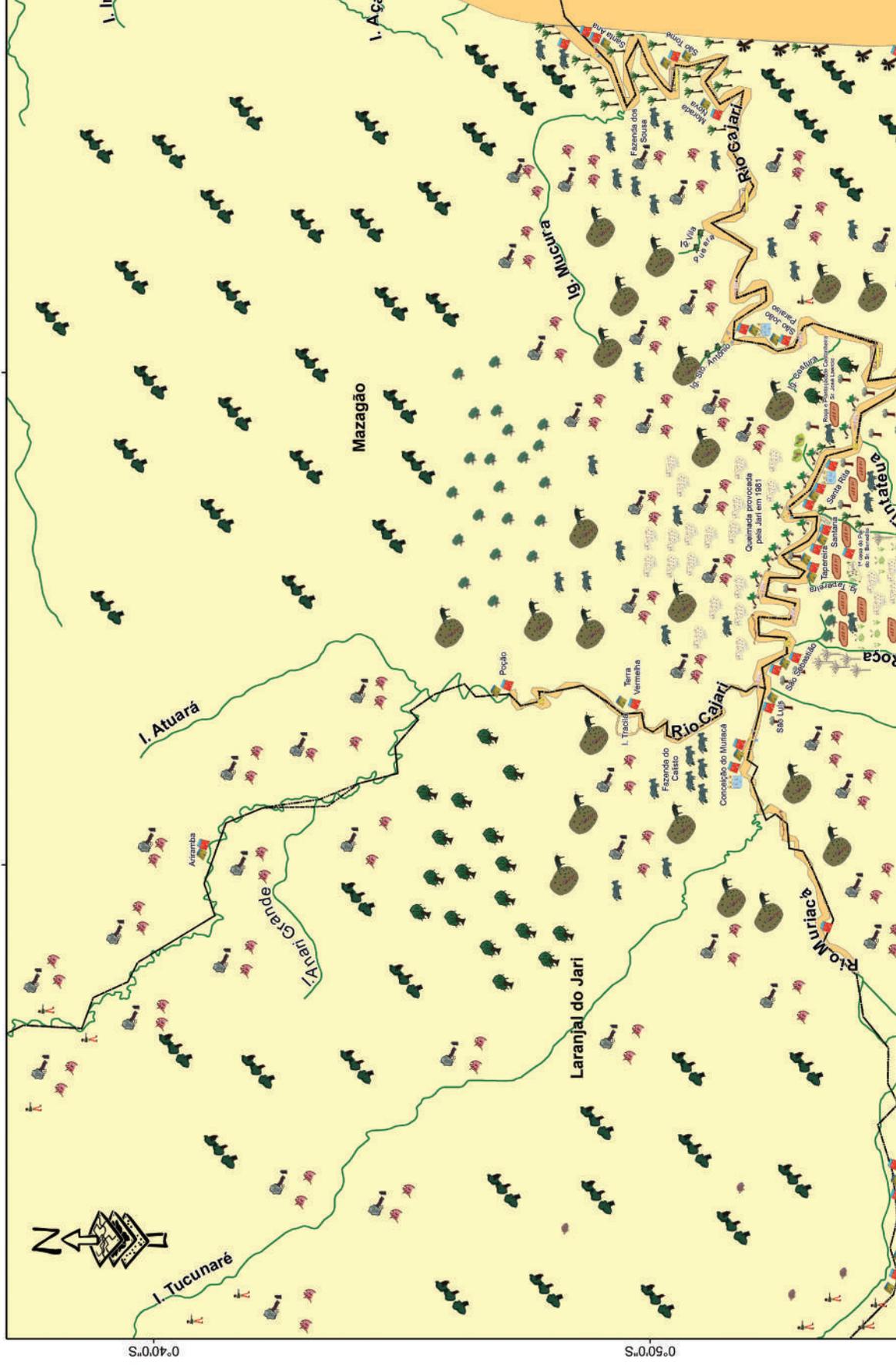
Nova Cartografia Social da Amazônia

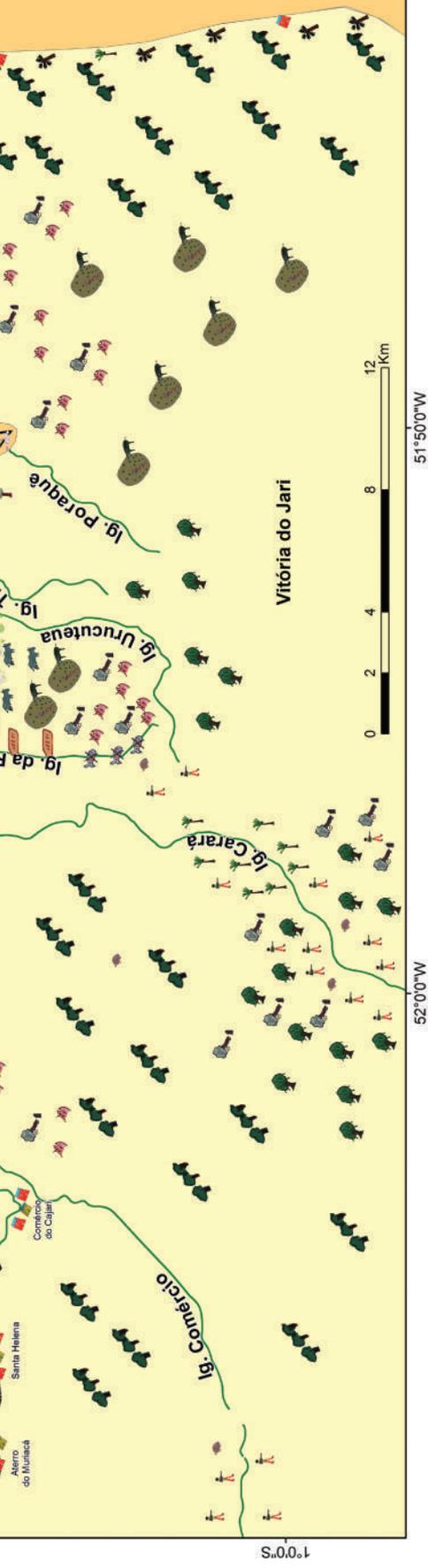
Projeto Mapeamento Social como instrumento de
Gestão Territorial contra o Desmatamento e a Devastação:
processo de capacitação de Povos e
Comunidades Tradicionais

Belém, Outubro de 2014



Extrativista do Rio Cajari em





	Comunidades na Resex Cajari		Plantação de castanheira (reflorestamento)		Invasão de madeiras
	Igreja		Plantação de piquizeiro (reflorestamento)		Invasão dos búfalos nas roças
	Cemitério		Seringal		Lixo e contaminação do rio
	Curral de criação de Búfalo na área da 1ª casa do Pai do Sr. Benedito		Vegetação (floresta)		Peganga de jabutis
	Roça		Campo alagado com criação de búfalo		Pesca ilegal de pirarucu
	Plantação de banana		Desmatamento e abertura de campos provocado pela Jari em 1981		Perda de peixes
	Plantação de abacaxi		Desmatamento		Perda de caça provocada pelos invasores
	Plantação de açaizero		Desmatamento e corte de palmito		Desova de traçajá
	Plantação de bacabeira (reflorestamento)		Queimadas provocadas pela Jari em 1981		Peixes
			Invasores de coleta nos açaçais e castanheiras		Cobra grande

- Estação
- Resex
- Hidro
- Igara
- Rodd
- Limit
- "Blo de p bacia 11ª r

que demarcou. Ele não fala disso pra vocês, ele não fala, mas eu sei disso, porque em reuniões ele disse que tinha interesse em acompanhar essa demarcação. Ensaçou-se esse projeto e mandou-se essa proposta pro CNPT. Onde era o limite a gente ia plantar abacabeiras que a ideia era avistar de cima de avião, quem passasse. O CNPT não aceitou a proposta”. PEDRO RAMOS DE SOUSA

“No momento que a Reserva expandiu no mundo inteiro, que a Reserva Cajari tava legalizada era a Reserva, realmente já era a Reserva. Aí foi colocado muitas placas, foi feito o plaqueamento, por exemplo, na saída do campo do Sororoca, lá tinha três placas da Reserva, placas grandes. Aquilo dava tanto pra entender pros invasores eles começaram a detonar elas no tiro, atiraram até derrubar as placas. Quando derrubaram as placas, eles começaram a entrar pra caçar nos campos geral da Reserva, enquanto tinha placa não passava ninguém, quer dizer aquilo intimidava os invasores. O cara ver uma placa: uma Reserva Extrativista e tal é preservação e o cara saía fora, depois que acabaram com as placas, eles começaram a entrar. Você tá entendendo? Então, é um meio de respeito às pessoas”. PEDRO RAMOS DE SOUSA

“Veja bem como é a coisa: eu participei em uma reunião do Sindicato Rural de Vitória do Jari, eu vi o cara dizendo, a Reserva do Cajari tem 460 e não quantas hectares, aí eu fiquei. Eu sei que não é isso, eu sei que não é. Aí eu pedi a palavra e disse: ‘Olha a Reserva do Cajari tem 501.000 hectares e uns “tarara” que eu não tenho de cor. Aí o cara: ‘Rapaz!’. Eu digo porque eu moro lá. Eu disse: ‘Eu tenho consciência disso’. Aí o cara disse: ‘Domingão você tem consciência?’ Eu disse: ‘Eu tenho consciência, pode fiscalizar, porque eu sei’. A mesma coisa se eu souber o limite lá, por exemplo, eu sou capaz de ver o cara invadir e vou lá e dizer: ‘Olhe meu amigo daqui pra cá você não pode passar, porque isso aqui tá mostrando daqui pra cá não’. Agora se a gente não conhece como é que a gente vai reclamar”. MANOEL DOMINGOS LOPES

“Eu ia participar pro seu Edemburgo sobre um igarapé que nós tem aqui e tem grande quantidade de pirarucu, desde o tempo do meu pai, o meu pai morreu, aí depois que ele morreu tem alguém que quer invadir e nós não consente e tem pessoas daqui, próprio nosso parente mesmo, vem matar os bichos e leva. Aí eu tava falando com a mamãe: ‘Mamãe nós não vamos consentir, porque o papai morreu, mas nós estamos vivo e é nosso, porque se nós não preservar isso daí. Quem mais? Aí depois que acabarem, quem vai sentir falta é eu, os meus filhos e os filhos de alguém que mora na comunidade’. Era isso aí que eu ia participar pro seu Edemburgo. Dá hora que eu ver ou pegar eu vou tomar as providências. Ele que é autoridade, trabalha no IBAMA. A gente vai denunciar esse caboco pra tomar as providências, que ninguém vai deixar acabar não”. LUCIVALDO FLECHA

José Laercio Tavares dos Santos apresenta o croqui de sua autoria



“Lucivaldo eu vou falar uma coisa pra você: ‘Não existe colocação’. A colocação ruim quem faz é a gente, quando você só usufrui, só tira, ajudado pelos de fora, aqui dentro também só tira, a própria natureza vai se vingar na coisa que vocês mais gostam, que é nos seus filhos, porque vocês vão ver seus filhos passar fome. Isso acontece com o peixe, acontece com a caça, acontece com o

palmito, acontece com qualquer tipo de recurso e a primeira pessoa que paga o pato são os filhos, os mais fracos são os filhos. Então, por isso, nós temos uma obrigação que é a luta que se deu pela Jari. Porque a Jari era privava vocês e vocês hoje tem a liberdade de trabalharem como quiserem, mas também tem que ter a liberdade de observar as coisas. Isso é de vocês, eu sempre digo e falo pras pessoas. Eu fui a pessoa mais ameaçada e mais perseguida dessa Reserva, mais que a Política Pública. Fico feliz quando chego aqui vocês me dão abrigo pra mim atar a minha rede, é isso que eu usufruo da Reserva. Eu fico feliz. Agora fico muito descontente é quando eu ouço essa coisa assim do pessoal de fora e quem abre as pernas pro pessoal de fora são as pessoas daqui mesmo. Isso é um desconforto, porque põem tudo por água abaixo pelo que a gente lutou, fez. Esse preto aqui sofreu muito por causa dessa Reserva, o seu Biló. Não sei o que aconteceu com o seu Biló? O seu Biló dizia pra mim: 'Seu Pedro antes dessa Reserva era pré-histórico, antes disso aqui era escravo, depois da Reserva a gente, pouco a pouco, vai melhorando. Mudou muito, mas tem que melhorar'".

PEDRO RAMOS DE SOUSA

A Reserva do rio Cajari representada nos croquis e nos debates

"Eu estou identificando alguns problemas que tã ocorrendo em nossa região. Também tem uns problemas que vem se agravando cada vez mais. Vamos supor: tem certas coisas aqui que pode até ser ruim, mas a gente não pode negar certos problemas aqui. Aqui tem o nosso rio, todo mundo que temos bastante peixe graças a Deus, mas também temos problema: temos lixo no rio. Aqui os igarapés onde tem umas espécies de desova de jabuti e temos açaiçais, temos também castanheiras, castanhais nativos. Também, já temos isso aqui. Eu posso dizer com firmeza que isso aqui é meu trabalho, essas castanheiras plantadas aqui. Tenho bastante até. Temos não só eu, como outras pessoas também têm. Esse tipo de plantio, vamos supor já é uma base de reflorestamento que a gente está tentando impor nas nossas áreas que nós derruba pra fazer roça. Aqui é a humilde comunidade onde a gente mora. Aqui são as lendas e esse aqui são os problemas. Vamos supor: invasão de gado em roças, isso tá acontecendo comigo há seis anos. Eu venho procurando vários. Vamos supor: Justiça. A justiça vem marcando prazo e até hoje não consegui resolver o problema Até ultimamente o fiscal da Unidade teve lá na minha roça, foi constatar o fato e se identificou que é verdadeiro. Então, aqui tá o meu nome, o nome das pessoas que está cometendo esse delito".

"O que está acontecendo na área de desova todo mundo sabe, que nós estamos iniciando a safra que acontece no período de grande pega desses animais. Então, aqui é área, não só aqui, porque poderia ter alguém de outras regiões por aqui, outras comunidade. Toda essas paragem acontece isso: pega dessas animais e aqui é onde eles desovam aí numa quantidade boa. A área de desova é em frente a Santa Rita. Pega o tracajá. Já era pra ter começado nós já estamos em setembro mano, mas a mudança do tempo tá modificando tudo. Pela setima, a água do tamanho que está aqui. Todos os anos no mês de setembro estava virando poeira os campos aí. Justamente as tracajás estão isolando já, porque agora elas não desovaram, porque tá cheio d'água. Mudou completamente o Cajari".

"Isso aqui onde vocês estão é na área da desova, da roça é aqui. Só que essa roça. Vamos supor: no momento é uma problema que tá causando só pra minha família. E também temos algumas pessoas, não são todas, mas ainda jogam muito lixo no rio, principalmente em dia de feira. Muitas mulheres gostam de jogar fralda descartável no rio. Senhor! Outra preocupação é a ques-



A cozinha e o canteiro de plantas medicinais e alimentícias da casa do senhor Benedito da Conceição

tão do saneamento. Vamos supor aqui na nossa região é básico que todos os banheiros ficam em cima d'água. Todos os banheiros, isso é uma preocupação, porque nós usamos a água do rio e nós poluímos a água do rio. Não tem outra saída. Então, isso é uma questão de preocupação, eu acho que em todas as comunidades deve ser levado em consideração". JOSÉ LAERCIO TAVARES DOS SANTOS

"É por isso que hoje a maioria das crianças da gente tá adoecendo: é hepatite, anemia, é vários problemas de verme, coceira. É através da água. Por mais que a gente recomende os filhos, mas é uma criança que não tá vendo, não obedece, quando pensa já tá pulando na água é por isso que muitas vezes acontecem as coisas. Vários problemas de doença". MARIA TERESINHA C. FLEIXA

"Eu vou apresentar aqui um pedaço do rio Cajari. Aqui está o rio Cajari um pedaço dele só. Aqui está a minha casa, aqui está a comunidade Tapereira, Vila Santana está aqui também... Aqui está o igarapé Uricuriteua, aqui está a minha roça e o búfalo está aqui entrando na roça bem aqui. Esse aqui tá caminhando no rumo de lá, não anda nem pra cá, só pra lá. Essa ilha aqui é o igarapé Valentim e a ilha Conceição ilha que tem atrás de casa, que tem 3 castanheira. Essas castanheira aqui é planta nossa, parte das capoeira. Tem a nativa na beira do igarapé e tem a parte da castanheira que é a planta, são cinquenta castanheiras que nós já tem hoje. Então, essa parte é a minha casa. Esse açazeiro aqui, antes tinha aqui que o compadre Luis não alcançou mais a gente tirava açai aqui que tinha uma ponta muito grande. O Maruí tinha muito açai lá. Eu vejo a situação assim: essas açazeira que vocês estão vendo aqui já existiu, hoje ela já não existe mais aqui. Alguém diz nunca teve açai aqui? Já. Então, hoje eu vejo a situação desse rio, essa volta aqui era mata e

hoje tudo é só campo. Era mata fechada. Tinha seringal. O fogo que acabou com a mata que tinha, inclusive acabou com a mata e acabou com o açaizal, o que ficou o homem derrubou e acabou. O homem que vendeu pra fora, na época. Porque o búfalo estraga por um lado, mas pelo outro lado ele preserva, porque quando não tem o búfalo, quando toca fogo no campo, não vou dizer que é fulano e vai derrubando tudo. O búfalo que vai abeirando aqui o campo. O fogo não passa, mas pelo outro lado ele destrói a roça, no caso aqui nós temos uma preocupação muito grande porque não é só na minha roça que tem e o problema maior é que os companheiros estão enfrentando do búfalo, porque o dono do búfalo diz assim: ‘Se tu cortar o meu búfalo eu vou te matar’. É uma ameaça muito grande, mas eu tô preocupado com o gado do fulano que tá invadindo. É do Chico, o do presidente. Aí eu já levei ele lá, ele pagou o primeiro prejuízo e disse que não ia mais lá e o gado continua invadindo a roça. Ele está faltando tirar o gado dele. Então, ele não me ameaçou, mas têm muitos amigos aí que tão ameaçado de morte e eu não queria que isso acontecesse”.

LUIS MARCOS ROSA

Destruição do açai pelo fogo e hoje só é campo

“Exatamente, não tinha esses campos que tem na beira do rio. Até aqui de frente a gente tinha açai. No Maruí a gente apanhava de saco de açai, no Urucuteua a gente cansava de apanhar saca de açai. Bem aqui de frente tinha uma rebolada de açai, que a gente tirava açai aqui. Hoje acabou, hoje não tem mais esse açai, só é campo. Olha aqui onde eu moro, isso aí era mata não existia campo, era só igarapeção que a gente pegava peixe e hoje tá só mata, mas vocês vejam pauzão no meio do campo. O fogo, porque diz que o búfalo destrói, mas o homem destrói também. Aí pra pegar o tracajá, tirar os ovos do tracajá botou o fogo no campo”. MARIA TERESINHA C. FLEIXA

“Aonde eu nasci em Mãe do Rio na Fazenda Santa era o lugar mais farto de bicho de caça. Tá entendendo!? O que acontece na época eu morava em Macapá e aí eu vim de Macapá, cheguei, tinha uma reserva de tracajá acima da serrinha na Água Branca, na casa do finado Zé. Esse aqui é sabedor e, aí moleque andando. Aí pegaram o rastro de uma tracajá, os filhos do Chicó, os meus primos, não gosto de esconder nada de ninguém. Chegaram lá na lagoa. Era uma lagoa de extensão grande, com tracajá, tava uma por cima da outra. O que faz? Umbora pegar. Uma vez eles foram pegaram 800(oitocentas) te juro pela benção de Deus. Quando eu cheguei de baixo da casa do meu tio se pegava, eu joguei com essas próprias mãos aqui. Jogava dentro da água ela não sentava, ela saía assim no rio. Isso aí mais tarde vocês vão sentir falta. Na lagoa o que não pegava mais, eles fizeram de prego. O Ariusto, sabe quem é o Ariusto. Aí chegavam lá e metiam o bicho. Agora vocês querem comer o ovo de tracajá, vocês dá R\$ 7,00 ou R\$ 10,00 numa dúzia. As poucas que tem, eles pegam aquelas armas de mergulho vão lá pelo fundo do Bacuri eles foram pra terra. Aí quando foi um dia desse o tio: ‘Poxa! Meu filho manda uma tracajá pra mim. Eu digo: ‘Você acabou o que você tinha, agora você quer. Não tem! Eu que moro aqui não como”.

JOSÉ LAERCIO OLIVERIA DOS SANTOS

“Hoje em dia aqui, eu sou jovem e moro aqui há pouco tempo, sou casado com uma moradora daqui, eu vejo também muitas situações. Eu estou aqui por interesse disso aí dessa reunião, gosto de participar da reunião pra mim entender mais sobre a comunidade. Então, eu vejo isso acontecer daqui daqui pro verão. Vamos precisar de alimento e vamos para o rio aí e não tem mais peixe, como várias vezes já aconteceu no inverno, aí colocamos malhadeira, mas é difícil pegar um peixe. Eu como um jovem que já tenho uma família sofro com isso aí, mas devido a isso, vem gente de outros lugares, a gente está dentro da nossa comunidade. Eu não digo quem mora dentro aqui porque todos nós necessitamos, como o senhor falou. Vão lá no igarapé dele, se for pro próprio alimento, com certeza ele não vai negar, ele vai dá oportunidade pra ir lá, porque todo mundo que necessita daqui. Às vezes que precisa de liderança mais adequadas para socorrer aí que o negocio está dentro da comunidade”. FLÁVIO DA SILVA FERREIRA

“Então, olha só a gente fez uma ideia de aqui ser o rio Cajari, aqui a Vila São Sebastião. Esse meio “abarentado” aqui é a passarela, aqui em baixo é o rio, essa aqui é a parte alagada que fica de inverno, nessa época do verão ela seca, mas no inverno ela fica toda alagada. Essa parte pra cá é a parte da terra firme nós colocamos algumas árvores aqui, porque lá tem uma área com castanheiras. Então aqui entra o rio Muriacá, um afluente do Cajari e fica a 300m daqui pra cá mais ou menos. Aqui vai subindo o rio, aqui é a Vila Conceição do Muriacá e esse mesmo contorno aqui entra o igarapé Carará, aqui fora logo você vê que tem um símbolo de uma casinha que é a Vila São Luis, onde mora o Jijú, seguindo o igarapé Carará, mais aqui em cima já tem o símbolo de uma roça que tá escrito roça, segundo as pessoas tem uma invasão de gado aqui nessa roça do Noronha. Então, aqui vai subindo até chegar no determinado lugar que tem o conflito, que é o braço esquerdo, braço direito por aí assim. Nessa parte do braço pra cá tem uma área de Castanhal outra pra cá de açazal e é nessa área aqui que tem o conflito que o pessoal viram de Bujari”.

MANOEL DOMINGOS LOPES E BENEDITO CORDEIRO DE SOUZA

“O pessoal que vive na beira do Jari e Vitória do Jari que se colocam tudo nessa região aqui, até essa parte daqui. Eles estão invadindo atrás de madeira, castanhais, como o nosso colega já falou, são os invasores que venham pra localizar e tomar e invadir a área da Reserva que faz fundo com o Jari. Esse igarapé aqui, a nascente dele desemboca aqui no Muriacá. Então, daqui eles venham por trás, venham do Marajó, Jarilândia e Vitória do Jari, depois volta por aqui, a estrada que passa de Jarilândia. A estrada que passa de Jarilândia, ela passa por aqui nessa corrente aqui, por trás. Essa invasão que tá acontecendo é nesse período aqui. O nosso medo é do constróimento de casa, porque a gente tem que ter logo um iniciamento de retirar, enquanto eles não têm benefício nenhum, porque depois que os invasores eles se não tem mais jeito pra retirar só se for com muita confusão”. MANOEL DOMINGOS LOPES

O ‘novo’ mapa da RESEX Cajari, no medio e baixo rio Cajari

“Olha, agora chegamos ao final do nosso trabalho, da nossa oficina e vamos mostrar o resultado do nosso trabalho de dois dias. Nós fizemos com um grupo de 2 a 5 pessoas. Foram feito 4 ou 5 mapas, depois se decidiu fazer um só, sendo que nós estamos representando uma Reserva que é a Reserva Cajari. Nós fizemos aqui o rio Cajari, o rio Amazonas que está pintado de marrom. Temos aqui a ilha do Cajari que faz confinança com a foz do rio Cajari, a margem fica no litoral do Amazonas. Ele faz confinança com a entrada do rio, com a comunidade Santana, que é a primeira comunidade da foz do rio Cajari. De frente, do outro lado do rio, nós temos uma casa de família que é a do Sr. Manoel Guerra com a família. Nós temos com as comunidades quase toda da margem do médio e baixo Cajari do lado do município de Vitória do Jari, porque o Cajari divide dois municípios: Vitória do Jari e Mazagão até a foz do rio Muriacá. No rio Muriacá está mostrando os três municípios, que justamente limita a Reserva Extrativista do Cajari: Mazagão, Laranjal e Vitória. E aqui estão as nossas comunidades do médio e baixo Cajari, até o nosso limite do médio que é a comunidade Ariramba, que da comunidade Ariramba pra lá já é alto Cajari. Tentamos fazer o rio Cajari da foz do rio até o final da Ariramba. E essas comunidades, ficam todas aqui dentro desse setor do médio e do baixo Cajari. Aqui nós estamos mostrando algumas invasões. Nós queremos até pedir desculpas, porque não deu para mostrar direito, apesar de aparecer alguns búfalos, mas não foi suficiente pra quantidade que tem dentro da Reserva. Nós fizemos algumas só, mas tem muitas. Aqui tem as comunidades, ela vai mostrando aqui o nome das comunidades: Santana, São Tomé, Tapira, São João, Santa Rita, Tapereira e assim vai, são as comunidade do médio e do baixo Cajari. Do município de Mazagão é o lado direito pra quem entra no rio Cajari. Aí então aqui foi o trabalho que nós fizemos, está mostrando essas coisas toda, apesar que não está tudo, porque quando se fala em invasão é a coisa que mais tem no Cajari do que nós mesmos. O tempo foi pouco”. MANOEL DOMINGOS LOPES E JOSÉ OLÍMPIO

“As situações onde houve desmatamento, queimadas, transformações do meio ambiente. Deixo eu ver se eu localizo aqui Morada Nova é fazenda. Fazenda Sousa é onde está o maior potencial de bubalino da Reserva Cajari, apesar que o espaço foi pequeno mais na prática é muito grande o espaço dele, porque o gado deles toma conta de 50% praticamente do Cajari, dos campos da Reserva Cajari. Cinquenta por cento dessas terras aí são dominadas por esses gados. E aqui entra o igarapé Santo Antônio onde tem um tabuleiro de onde os quelônios desovam. Na época que tinha eles desovavam aqui, porque os piratas já levaram tudo. O igarapé Urucuteua que fica aqui no município de Vitória do Jari, onde os caras estão invadindo, pessoas de outras comunidades estão invadindo as terras aqui. O igarapé da Roça onde tem um canal é onde tem um grande potencial de pirarucu, jacaré, capivara e o povo tá invadindo, não tá tendo praticamente controle e não tá tendo respeito por conta das pessoas.

Santana aqui tá uma invasão, aqui tá o igarapé do Poço, aqui tá o igarapé Japá. Santana Velha e o igarapé da Santana, isso aqui são igarapés que ficam próximos um do outro e na cabeceira dele forma campo e terra firme, aonde tem a roça do senhor Laércio e o búfalo acabou já. Invasão de búfalo acabou tudo, já não tem mais nada. E aí tá as queimadas. A comunidade Santa Rita é aqui e essa bem defronte da Santa Rita, do outro lado do rio Cajari, essa aberta de campo que vem abeirando, que era pra estar justamente aqui. Isso foi feito manual na época pela empresa Jari, o campo não abrangeu aí, mas agora é tudo campo e foi feito manual. Aquilo ali na frente do Chiquinho não era campo aqui ali, foi que derrubaram aquilo ali. Na época a Jari. A

Jari jogou essa floresta todinha embaixo. Hoje em dia não tem quem salve que era floresta. Tudo virou campo. Na época, foi derrubada a machado e aí o que ficava em pé, eles tocavam fogo pra acabar com



O ‘novo’ mapa apresentado por Manoel Domingos Lopes. As crianças que colaboraram no trabalho ajudam a assegurar. Acompanha a senhora Teresinha Fleixa, José Laercio Oliveira dos Santos e João Max da Conceição



o resto. Sabe?! Fazenda do Zeca, aqui é uma das maiores fazendas que tem dentro da Reserva Cajari, criação de bubalino, o qual consta que esse gado aqui é um dos que mais acaba com a roça dos companheiros aqui da Reserva e o gado dele invade pra todo lado aí, porque ele é criado por conta da natureza e está aqui localizada a fazenda próximo do Muriacá no município de Mazagão e assim sucessivamente”. MANOEL DOMINGOS LOPES

“A minha preocupação maior é nessa invasão daqui. O maior medo nosso, meu e do Domingos e do nosso amigo é a invasão daqui do pessoal do Jari. Tá entendendo? Porque já estão afetado, porque segundo a conversa que já houve que o irmão do Vice-Prefeito, ele já tá loteando pra ter o acesso com mais entrada de que já tem dentro. Então, a gente tá querendo tomar alguma providência pra vocês levarem e pra ao menos três meses vocês darem a resposta pra gente, pra ver como é que vai ficar. Pra completar esse trabalho aqui com relação a gado, eu gostaria de dizer o seguinte: é que não dá na Reserva pra se dizer o gado é o fulano, é do fulano, porque é tanto gado no campo! É muito búfalo e muita invasão, que pra todo lado que tu vira é bicho e não se sabe. A providência que a gente quer é pra tirar esses animais, porque não tá tendo controle de jeito nenhum, não tem mais controle o búfalo dentro da Reserva”. JOSÉ OLÍMPIO

“Até isso aí a gente não tá muito preocupado, que eu tava conversando com o companheiro ali, ele me chamou lá em casa - o Rato, ele veio comigo aí. Ele estava dizendo que não tá com medo do boi, ele tá com medo da gente de hoje nós, porque amanhã em diante pode acontecer uma tragédia maior e tirando, fazendo alguma coisa pra gente evitar essas coisas, como eu já fui ameaçado aí é melhor pra gente. Aí é isso que a gente tá falando”. JOÃO MAX CONCEIÇÃO

“Aqui é o antigo terreno do meu bisavô, pai do meu pai. São árvores, que muitas do tempo dele já acabou, só que tem novas árvores que são filhas das velhas árvores que se acabou, mas são as mesmas. Esse aqui é o jatobá, aí vocês estão vendo uma árvore de cajurana, são as bacabeiras, as mangueiras. Aí uma árvore muito importante pra nós - a castanheira; as seringueiras, árvore de seringa; tucumã. Isso aí é uma coisa muito importante pra nós, que é uma referência de uma pessoa antiga. Então, acho que pra mim é um privilégio e, pra vocês também que estão correndo atrás desse trabalho, chegar numa área dessa aqui muito importante da antiguidade. Então, pra vocês com certeza vai ser importante pra vocês levarem pra fora pra mostrar, que às vezes as pessoas não conhecem e hoje vocês vão mostrar as árvores. Aqui é o curral do bubalino. Se hoje



João Max aponta as árvores e o antigo curral de criação de búfalos para evitar a destruição de roças

tem alguma coisa estragada é por causa do bubalino. O bubalino é destruidor, joga certas árvores, o piso do terreno que tá alagando. Se não fosse o bubalino não tava nessa situação. Aqui é um lago que só entra no inverno, chegou o verão fica seco. Aí uma época dessa tá tudo alagado. Aí devido o mês de dezembro isso aqui fica tudo seco mesmo”.

Olha aqui esse campo, desde que eu me entendi. Eu sou de 1986, quando eu me entendi, a partir dos meus 10 anos, isso aqui era mata, tinha só um campinho pra cá nessa margem, um rego. Aí através do fogo hoje tá aqui um lago imenso, como vocês vêem. Isso aqui foi o fogo que causou isso aqui. Foi fogo da Jari em 81, porque isso aqui era uma área que a Jari alegava que era tudo dela e ninguém podia falar nada, a gente vivia tipo subordinado a ele. Se fosse falar Deus o livre. Isso aqui era cheio de segurança. Eles tocavam fogo pra aumentar o pasto pro gado deles, a gente não podia fazer nada. Aí hoje graças a Deus com a história da Reserva nós estamos conseguindo uma proteção que hoje tá aqui. Mas muitas coisas já aconteceram como o campo desse aqui, que isso aqui era mato tudinho. Acabou isso aqui, que vocês vêem o toco de pau preto ali, pau velho que foi se acabando através do fogo. Então, isso aí é horrível, uma coisa que não poderia ter acontecido, que uma árvore de pau é uma coisa muito importante pra nós”.

“A nossa roça fica na margem direto, que nós entramos pra cá. E no igarapé Tapereira o onde nós trabalhamos. Cada agricultor tem o seu ponto de trabalho, a gente entra em um ramal só e divide lá dentro. Cada qual vai pro seu ramal, pra sua localidade de trabalho. É no final do igarapé que a gente faz o reflorestamento”. JOÃO MAX CONCEIÇÃO

Comunidade Tapereira “é quilombola e de afrodescendente”

“A comunidade Tapereira ela tem uma preocupação muito grande com a questão o seguinte: que ela é quilombola é de afrodescendente, já fomos credenciados pelo Governo Federal só que pra nós foi assim um negócio que no começo quando estavam descobrindo o pessoal do SEAFRO, que é um órgão que cuida disso do Estado. Quando estavam descobrindo era uma alegria toda, reunião vinham aqui, animavam a gente. Aí depois que nós fomos credenciados acabou tudo. Eles já até fizeram nós se arrumar daqui lá em Macapá, nós nem fomos atendidos, quer dizer como liderança de dentro do quilombo. Então, a senhora disse que já trabalhou nessa área. Aí eu faço a pergunta assim: porque veja bem quando a gente fala pra uma liderança da Resex Cajari, quando a gente fala de alguma coisa pra uma pessoa, a gente não tá querendo que aquela pessoa faça tudo, mas pelo menos mostrar o rumo, o que se deve fazer”. MANOEL DOMINGOS LOPES

Reivindicações

Proibir, impedir as invasões da RESEX Rio Cajari

“A nossa reivindicação é a seguinte: que a gente tem que cortar antes que aconteça a construção de casas pelos que estão invadindo, porque estão com castanhais tudo legalizado. Então, nós que moramos aqui dentro, a gente tem que tomar providência com o ICMBio, são as pessoas que tem autoridade pra ver se a gente contém essas pessoas. Tem o limite pra que não aconteça certas coisas erradas”.

“E a reivindicação maior também que nós fazemos, porque como está vindo esta invasão de lá para cá e que o ICMBio é a entidade que elimina esse tipo de situação tome as devidas providências. Vá junto com as pessoas que tem conhecimento disso lá, faça uma averiguação se realmente está acontecendo, que eu acredito que sim, porque ninguém vem aqui pra contar mentira e comece a tomar as devidas providências. O ICMBio, Polícia Federal, sei lá quem mais, as entidades que tenha poder pra fazer esse tipo de ação. Por isso que a gente exige que alguém trate bem desse limite, dessa demarcação que foi feita. Por que a gente exige que

seja um negócio pra todo mundo ver o limite da Reserva? É por isso se alguém ver sabe que tem o limite, se tem alguma coisa marcando ali é muito fácil da pessoa dizer aqui é o limite da Reserva, daqui pra cá não pode passar. Então, é por isso que a gente sempre fala exigindo um tratamento nesse limite”.

Reavivar os marcos da resex cajari com apoio e organização

“Eu vou falar uma coisa aqui, eu não sou morador daqui, mas eu gostaria que fosse considerado isso pelos próprios moradores daqui. Eu acho que a ação tem que ser conjunta e o ICMBio, as autoridades e a organização local de vocês. Porque se a organização de vocês não quiser. Eu tenho visto pessoal lá em Macapá se esforça querendo proibir. Isso tem que ser terminado, a gente tem que trabalhar conjuntamente, porque é bem de vocês, não é bem de quem está lá em Macapá, é de vocês. Por isso à organização de vocês têm que estar junto nessas tomadas de decisão e nessas ações”.

Acabar com a criação de búfalo para evitar os conflitos internos e os danos ambientais

“Eles tocavam fogo com intenção de colocar a mata embaixo pra aumentar aquele pasto. No momento que o fogo pega de verão ele queima o campo e entra na floresta, acaba aí vai virando. Nós temos exemplo disso: nós temos locais aí que era mata verde no outro tempo e agora é campo. Isso queimou nosso açazal e o campo todo e a gente não sabe quem queimou. Aí isso é prejuízo...tem que acabar com essa arrumação. Olha a única pessoa que já fez isso aqui, há três anos atrás, há quatro anos atrás: quem fez isso foi o Calixto. Botou uma floresta todinha em baixo, dizendo que ia plantar mandioca. Só ele mesmo. Ele tinha condição financeira e botou abaixo. Aí ele plantou mandioca e em seguida saiu plantando capim e aí depois tirou a mandioca e ficou capimzal. Também foi o Ovidio, lá do Laranjal do Jari, aí ele estava fazendo roçado aí o IBAMA deu uma multa nele de um milhão, aí parou; não bota mais roçado, aí ele comprou aquele veneno de matar, mandou envenenar a mata, o rio. É o Zé da Mata, é José Augusto de Andrade, é a família Andrade”.

Garantir as roças, não podem ser destruídas pelos búfalos

“Eu defendo assim: a minha roça onde eu colocar não vai andar lá no terreno do fulano. Diferente do gado de seu fulano que vem de lá pra destruir minha roça”.

Acabar com as ameaças, com os conflitos

“O Zé da Mata ameaça de matar. Foi isso que eu falei ontem, quando levantei a questão do búfalo, porque isso aí ameaça, só vai tomar providência depois que acontecer o pior? Eu fui lá com o Rivaldo, eu pedi R\$ 400,00 desse prejuízo pra ele e falou na minha cara que não ia me pagar. Era pra mim procurar os meus direitos. Ele me chamou volta aqui e eu fui lá com ele. Ele falou: ‘Te dou R\$ 300,00 no prejuízo’. Eu falei pra ele: “Eu não te falei que é R\$ 400,00!”. ‘Porque pra mim R\$ 300,00 não é nada’. Eu falei: ‘Justamente, tu é rico. Agora se acabar a minha roça e se eu vir pedi pra ti 1Kg café pra dar minha família tu não vai me dar’. Aí o Jair - o filho dele, disse: ‘Paga o rapaz! Ele me deu R\$ 300,00”.

Evitar a destruição dos pontos de desova dos quelônios

“Toda essas paragem acontece isso: pega dessas animais e aqui é onde eles desovam aí numa quantidade boa. A área de desova é em frente a Santa Rita. Pega o tracajá e tem que evitar a destruição”.

Instalar água encanada em todas as comunidades

“O que eu não coloquei aqui que é sobre todas as comunidades, não têm água tratada diretamente, não tem uma encanação de água nas comunidades que precisa realmente ter alguém que se interesse pra fazer isso e eu não coloquei que a gente bebe essa água aqui. Os peixes estão morrendo no rio, a gente não morre, mas corre o risco de pegar uma diarreia. E aí estão tento uma água tratada, água encanada é muito melhor pra gente”

Dialogar sobre o que significa manejo

“Preste atenção no que eu vou lhe dizer: o cara tem um açaizal, aí ele vai fazer o seu de manejo. Ele vai tirar as árvores tortas, as mais altas. É isso?”

“O problema é que quando você vai fazer um plano de manejo, você manda colocar num papel o seu plano de manejo. Vai no ICMBio e diz que quer fazer um plano de manejo, pra ver se tem um técnico dele, se arma isso pro senhor. Ele dá a autorização sobre aquilo que você fez lá. Porque senão você vai lá e diz que fez o plano de manejo e não fez o plano de manejo e tá tirando”.

“É, porque a gente vai ter a parceria aí com o pessoal do ICMBio, com mais a parceria de vocês aí pra ver como é que a gente vai fazer. Porque a nossa preocupação é que nós já estamos com pouca terra pra movimentar o nosso trabalho. Se nós for deixar os que vierem de fora acabar. Nós vamos ficar com o quê? Vamos ficar acuado sem nada e sendo pisoteado. Porque o que tem de bom... acabar os castanhais, que tem por traz. O que serve pra mim, serve pra ele ali. Ele aqui os castanhais do Mutum como também ele sabe, fica nas proximidades do igarapé daí, a gente faz toda uma fonteira. Então, a nossa preocupação é essa”.

Contato

COMUNIDADE SANTA RITA
RESEX, Rio Cajari, Amapá

ICMBio
Rua Hamilton Silva, 1570
Santa Rita, Macapá, Amapá
CEP: 68.906-440
telefone (96) 3214-1125 3214-1100



PROJETO
**Mapeamento
Social**

ASSOCIAÇÃO DE TRABALHADORES
EM PRODUTOS DA CADEIA PRODUTIVA
DOS MEDIOS E BAIXOS
RIOS CAJARI E MURIACA – ACIOBIO

- 1 Comunidade do Paraizinho – Humaitá AM
- 2 Nossa Senhora Auxiliadora – Humaitá AM
- 3 Bom Jardim – Benjamin Constant AM
- 4 Quilombolas do Rio Andirá – Barreirinha AM
- 5 Quebradeiras de Coco Babaçu e Agroextrativistas do Sudeste do Pará
- 6 Terra indígena Pindaré – Bom Jardim MA
- 7 Trabalhadores Rurais do Cujubim – Caracará RR
- 8 Desmatamento e a devastação de castanhais – Amaturá AM
- 9 Associação de moradores e produtores da comunidade remanescente de Quilombolas do Rosa – Amapá
- 10 Quilombolas do Forte Príncipe da Beira, Vale do Guaporé – Costa Marques RO
- 11 Quilombolas da ilha de São Vicente – Araguatins TO
- 12 Quilombolas de São Tomé de Tauçú, Rio Acutipereira – Portel PA
- 13 Assentados e acampados no município de Rondon do Pará
- 14 Quilombolas do rio Mutuacá e seus afluentes – Curalinho PA
- 15 Invasão da acácia mangium nas terras indígenas de Roraima
- 16 Rede de Conhecimentos Tradicionais do Alto Juruá – Marechal Thaumaturgo AC
- 17 Comunidade remanescente de Quilombo dos Rios Arari e Gurupá em busca da liberdade
- 18 Quilombolas de Cachoeira Porteira – Alto Trombetas, Oriximiná PA
- 19 Ribeirinhos, extrativistas e moradores das comunidades deslocadas por hidrelétricas – Rio Madeira RO
- 20 Identidade e território Pastana Yudja Juruna – São Félix do Xingu PA e Santa Cruz do Xingu MT
- 21 Indígenas na luta contra a devastação em seus territórios – Rio Cuieiras, Manaus AM
- 22 Quilombolas do rio Pacajá – Portel PA
- 23 Comunidades Quilombolas de Passagem e Peafú – Santarém e Monte Alegre PA
- 24 Extrativistas da RESEX rio Cajari em ação – Amapá



PROJETO EXECUTADO COM RECURSOS DO

REALIZAÇÃO

APOIO

Agência Brasileira do ISBN

ISBN 978-85-7883-310-7



9 788578 833107



BNDES



ASSOCIAÇÃO DE
TRABALHADORES EM PRODUTOS
DA CADEIA PRODUTIVA
DOS MEDIOS E BAIXOS
RIOS CAJARI E MURIACA –
ACIOBIO

